



Raimundo Nonato: Um conhecimento técnico construído na prática e no amor ao Teatro Amazonas

Entrevista com Raimundo Nonato Pereira do Nascimento concedida a Ivo Godois e Tabbatha Melo

Para citar este artigo:

NASCIMENTO, Raimundo Nonato Pereira do. Raimundo Nonato: Um conhecimento técnico construído na prática e no amor ao Teatro Amazonas. Entrevista com Raimundo Nonato Pereira do Nascimento concedida a Ivo Godois e Tabbatha Melo. **A Luz em Cena**, Florianópolis, v. 2, n. 2, dez. 2021.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/27644669020220210804>

Este artigo passou pelo *Plagiarism Detection Software* | iThenticate



Raimundo Nonato: Um conhecimento técnico construído na prática e no amor ao Teatro Amazonas

Entrevista com Raimundo Nonato Pereira do Nascimento concedida a Ivo Godois¹ e Tabbatha Melo².

Resumo

Com uma experiência de 48 anos de trabalho no Teatro Amazonas, seu Raimundo Nonato relata, nesta entrevista, sua trajetória de trabalho e aprendizagem técnica junto a equipe de palco de uma das mais renomadas casas de espetáculos brasileiro. Suas experiências práticas diárias, dedicação plena as funções exercidas e um grande amor ao espaço de trabalho o levaram a receber inúmeras condecorações, homenagens e entrevistas vindas não do seu Estado, o Amazonas, mas também além das fronteiras brasileiras com reconhecimentos internacionais.

Palavras-chave: Teatro Amazonas. Conhecimento técnico. Prática.

Raimundo Nonato: The constructed technical knowledge in practice and love of Teatro Amazonas

Abstract

With 48 years of experience working at Teatro Amazonas, Mr. Raimundo Nonato reports, in this interview, his trajectory of work and technical learning with the stage crew of one of the most renowned theaters in Brazil. His daily practical experiences, full dedication to the functions performed and a great love for the workspace led him to receive numerous decorations, honors and interviews coming not from his state, Amazonas, but also beyond Brazilian borders with international recognition.

Keywords: Teatro Amazonas. Technical knowledge. Practice.

¹ Doutorando em Teatro - Iluminação cênica, no Programa de Pós-Graduação em Teatro da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Florianópolis (2019 +). Mestrado em Teatro - História da Iluminação Cênica catarinense no PPGT – UDESC, Florianópolis (2011). Graduação em Artes Cênicas na UDESC, Florianópolis (2003). Fundador, Editor e Conselheiro da Revista on-line A Luz em Cena. Organizador do Evento A Luz em Cena (10 edições). Coordenador técnico do LUZ Laboratório de iluminação no DAC – UDESC. Tem experiência com a coordenação técnica de eventos e criação de luz nas áreas de teatro e dança.

✉ ivogodo@gmail.com | 🌐 <http://lattes.cnpq.br/5746250667938608> | 🆔 <https://orcid.org/0000-0002-6098-2267>

² Natural de Manaus. Graduada em Comunicação Social e Pós-Graduada em Políticas Públicas pelo Centro Superior de Ensino Público do Amazonas (SIESA). Especialização em Gestão e Produção de Eventos e em Produção Cultural pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Atua profissionalmente como Iluminadora e produtora cultural e atualmente (2021) exerce a função de iluminadora cênica no Teatro Amazona

✉ a.tabbatha@hotmail.com



Raimundo Nonato: un conocimiento técnico construido en la practica y amor por el Teatro Amazonas

Resumen

Con 48 años de experiencia trabajando en el Teatro Amazonas, el Sr. Raimundo Nonato relata, en esta entrevista, su trayectoria de trabajo y aprendizaje técnico con el equipo de escena de uno de los teatros más reconocidos de Brasil. Su experiencia práctica diaria, su total dedicación a las funciones desempeñadas y un gran amor por el espacio de trabajo lo llevaron a recibir numerosas condecoraciones, honores y entrevistas provenientes no de su estado, Amazonas, sino también más allá de las fronteras brasileñas con reconocimiento internacional.

Palabras clave: Teatro Amazonas. Conocimiento técnico. Práctica.



Figura 1 – Homenagem a Raimundo Nonato Pereira do Nascimento



Fonte: Acervo da Assessoria de Comunicação do Teatro Amazonas

Raimundo Nonato Pereira do Nascimento, nascido em 26 de fevereiro de 1935, hoje (2021) com 86 anos, é considerado por diretores e profissionais técnicos do Teatro Amazonas como um dos mais experientes profissionais de palco em atuação naquele estabelecimento cultural. Tendo sido sempre laureado pela sua dedicação e empenho nas execuções de atividades técnicas no então renomado espaço teatral brasileiro localizado em Manaus. Sua dedicação e carinho aos que a ele recorrem para execução de atividade da técnica teatral vão além das fronteiras do Rio Amazonas e do Brasil, como poderemos ver em seus depoimentos descritos a seguir.



Ivo: Olá seu Raimundo, tudo bem? Com a finalidade de registrarmos a sua história de atividade profissional no Teatro Amazonas e publicarmos em nossa revista A Luz em Cena, poderia nos falar o seu nome e depois seguiremos com outras perguntas para complementar nossa entrevista?

Raimundo: Meu nome é Raimundo Nonato Pereira do Nascimento.

Tabbatha: Como o senhor iniciou nesse Ofício, como foi seu início de Atividade no Teatro Amazonas?

Eu trabalhava em uma construtora, fazendo reformas. Como o pessoal da empresa gostava do meu trabalho e estavam fazendo uma reforma no Teatro Amazonas, eles me levaram para trabalhar no teatro como pedreiro. Eu fui trabalhando lá na função por um tempo. Então no Amazonas nós tínhamos o nosso governador (1971-1975) João Walter de Andrade, ele só não vinha na obra de reforma do teatro quando estava viajando.

Eu comecei a assentar o mármore do piso na entrada do teatro. Ele ficou me observando e eu não sabia. Quando eu terminei, ainda me lembro foi em dezembro de 1974, o engenheiro chefe da firma veio me abraçar. Eu fiquei invocado com aquilo porque eu nunca o vi abraçar ninguém. Depois ele me disse que estava alegre porque o governador tinha feito um convite para eu trabalhar no Teatro Amazonas. O engenheiro me perguntou se eu aceitava, então respondi que sim, aceitava. Ele me levou para a sala da direção do teatro e o governador João me abraçou, falou comigo sobre o convite, em seguida me contratou.

No dia seis de janeiro de 1975 eles assinaram a minha carteira. Eu fiquei trabalhando na manutenção geral do teatro, mas a casa já estava pronta e não tinha muito o que fazer. Eu cheguei a comprar um saco de cimento e joguei fora porque estragou por falta de ter onde executar serviço. Como sou meio impaciente para trabalhar, então pedi para ir trabalhar no setor técnico do palco. Eu aprendi o ofício perguntando. O técnico de lá quando fazia alguma coisa eu acompanhava e perguntava, como que se faz isso, como que se faz aquilo? Perguntando, perguntando fui me entrosando no meio deles. Não demorou para me oficializarem no setor técnico do palco.



Depois a dona Regina, que era a nossa diretora, teve uma dificuldade pois o bilheteiro tirou férias. Ela me chamou para ser bilheteiro e passei um mês na bilheteria. Quando o bilheteiro voltou, o vigia pediu as contas dizendo que lá apareciam visagens para ele a noite. A diretora me convidou para trabalhar 15 dias como vigia até que resolvessem o problema. Eu fui trabalhar de vigia. Hoje para cuidar do teatro é bom pois tem vigias, tem seguranças e tudo mais. Naquele tempo era só um vigia. Eu fiquei trabalhando como vigia. Quando deu umas horas da noite ouvi um chiado vindo do palco. Como estava tudo escuro, peguei a lanterna e fui focando a luz para ver que bicho era aquele barulho. Quando cheguei perto e olhei, era o pano de boca do palco que estava solto e encostava no chão. O vento entrava pelas janelas e arrastava a barra dele no assoalho. Eu suspendi o pano e amarrei. Pronto, acabou com o tal fantasma que assombrava o palco de noite. Eu tenho até anotado em um papel e mostro ele para as pessoas que trabalham lá no teatro, eu escrevi assim, "os fantasmas são meus amigos, eles não mexem comigo".

Então eu fui tendo estas experiência toda no teatro, passando por várias áreas. Naquele tempo nós não tínhamos concurso para trabalhar no Teatro Amazona. Então eu fui passando, fui passando e fui aprendendo com o meu interesse e esforço. Eu pude aprender muitas coisas em diversos setores, graças a Deus. Uma coisa que mais me motivava a trabalhar no Teatro Amazonas era nossa equipe e nós chegamos a formar um grupo que até hoje eu tenho saudades. Alguns já partiram pois Deus os levou. Eu sinto saudades porque tivemos uma união muito grande. Era um por todos e todos por um. A imprensa ia lá e me tratava bem, os grupos de teatro, música, dança que visitavam o teatro, todos tratavam nós muito bem. Eu ia me dedicando e dando a atenção para todos e isso cativava as pessoas. Quem não gosta de um carinho? Fui me dedicando e cativando e então cheguei aonde estou agora.

Depois que o senhor começou a trabalhar no Teatro Amazonas, chegou nessa situação e nesse conhecimento, o senhor buscou algum conhecimento fora do teatro ou era mais na prática que se aprendia?

Não, não. Tudo o que eu aprendi foi lá mesmo, dentro do Teatro Amazonas, com os colegas de trabalho. Por exemplo, um diretor chegava com uma peça de fora para apresentar no teatro, quem estava sabendo de como era o trabalho era esse diretor. Nos alinhávamos ao diretor e íamos aprendendo com ele. O que o diretor nos mandava fazer nós fazíamos. Fomos



Raimundo Nonato: Um conhecimento técnico construído na prática e no amor ao Teatro Amazonas.

Entrevista com Raimundo Nonato Pereira do Nascimento concedida a Ivo Godois e Tabbatha Melo.

desenvolvendo nosso conhecimento e nosso trabalho em grupo. Nunca fizemos um curso fora. Agora não, Para entrar no Teatro Amazonas é só com concurso e não permitem entrar alguém para trabalhar que não conheça nada dos setores.

Figura 2 – Imagem de Raimundo Nonato executando assentamento do piso de mármore no Teatro Amazonas em 1974



Fonte: Acervo da Assessoria de Comunicação do Teatro Amazonas

Mas não tinhas escolas técnicas, não tinha nada que auxiliasse na formação de conhecimento nessas áreas do teatro?

Não, não. No meu tempo não. Eu aprendi com os meus colegas do Teatro, perguntando aqui e ali. Olha, vou lhe falar uma coisa. Eu tinha medo de eletricidade. Eu tinha medo. E na subestação de energia elétrica do teatro, uma firma foi contratada para montar um sistema grande e eu fiquei vendo como funcionava o sistema todo. O engenheiro viu que eu era curioso e queria aprender, ele passou a me ensinar.

Eu fui desenvolvendo o meu conhecimento com ele e depois fui designado e tomei conta dessa subestação de energia do Teatro Amazonas por quase seis anos. Cuidando do sistema, ligando e desligando. Eu saí dessa função porque o rapaz chefe de segurança me disse que eu não poderia ficar mais trabalhando na função porque eu não tinha nem NR10³. Eu me afastei,

³ Norma Regulamentar que instrui e capacita a pessoa a trabalhar com sistemas elétricos.



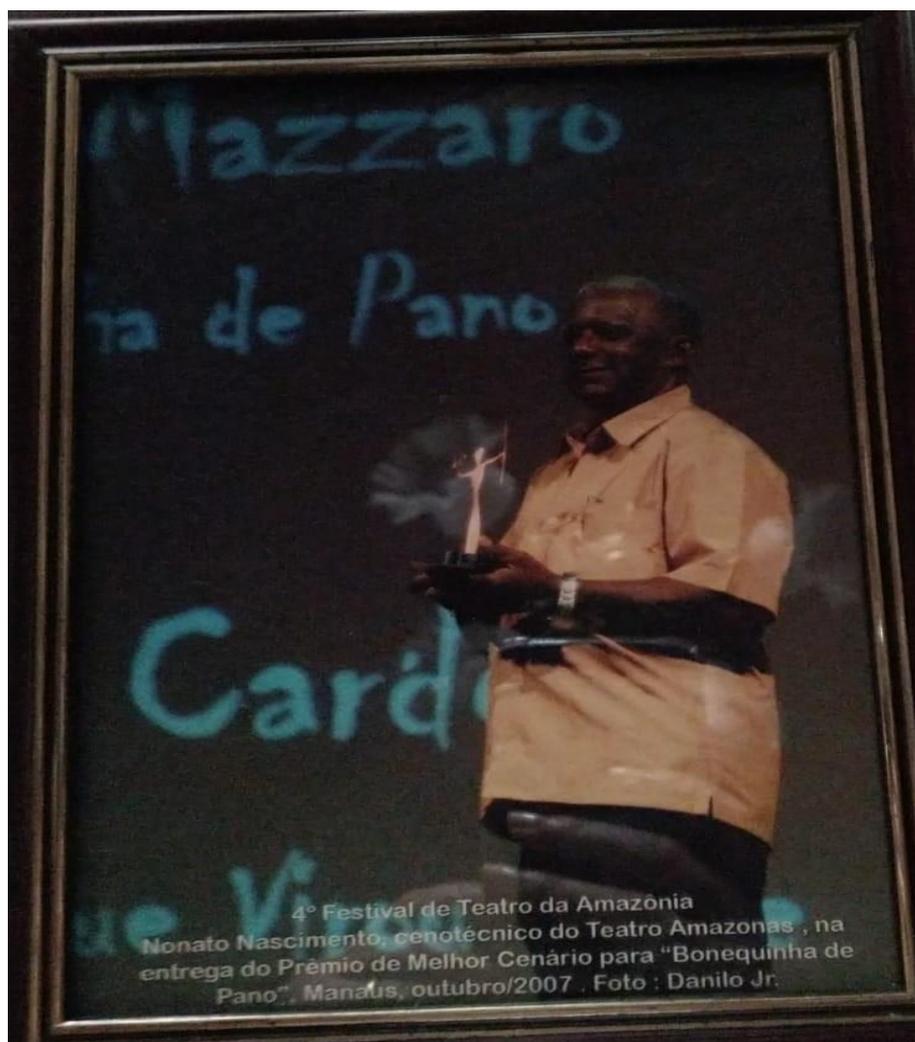
Raimundo Nonato: Um conhecimento técnico construído na prática e no amor ao Teatro Amazonas.
Entrevista com Raimundo Nonato Pereira do Nascimento concedida a Ivo Godois e Tabbatha Melo.

folguei mais, fiquei despreocupado.

E a subestação, ela era fora do Teatro Amazonas?

Não, ela era embaixo do teatro. Do lado do teatro tem uma escadaria, você desce e já tem a subestação de energia.

Figura 3 – Raimundo Nonato em entrega de premiação do 4º Festival de Teatro Amazonas em outubro de 2007



Fonte: Foto de Danilo Jr e imagem do acervo pessoal de Raimundo Nonato

O que o senhor pode falar para nós sobre iluminação cênica, o que o senhor aprendeu dessa área. Aliás, vamos perguntar primeiro qual é sua especialidade, a que aprendeu e desenvolve no Teatro Amazonas?



Meu amigo, o que posso dizer que eu não sou um profissional. Mas de tudo eu aprendi um pouquinho, perguntando para os meus colegas das áreas como era isso aqui? como era isso ali? Foi assim que eu aprendi. O único curso de treinamento que eu tive realmente foi de brigada de incêndio. Esse curso de brigada eu fiz.

Agora iluminação eu só fiz um experimento em uma vez, mas foi de curiosidade. Não iria ter nada no teatro. Eu sempre fui o último a sair do local. Quando deu cinco horas da tarde estava para acontecer uma atividade no palco e era de um pianista, um violonista e um cantor. O pessoal da iluminação estavam todos de folga porque a atividade não era com pauta marcada. Eu olhei o pessoal ensaiando no palco e também para o lado do palco e vi um colega que trabalhava na maquinária. Então eu chamei o meu colega, e também vi passando o colega Ivan de Oliveira que trabalhava no som. Eu o chamei e fomos para a cabine para operar juntos. Por curiosidade eu fui à mesa de iluminação. E graças a Deus tudo deu certo. Por isso que digo para todos, quem trabalha e estuda, Deus ajuda. Fui e operei a luz, deu tudo certo para mim.

Seu Nonato, conta para nós qual é a sua especialidade? É maquinaria, cenotecnia ou um pouco de cada?

Meu conhecimento maior é a maquinária do teatro. É maquinária mesmo.

Como é que foi essa atividade ao longo do tempo para o senhor. O que pode nos contar sobre a prática da maquinária?

Na prática de maquinária os trabalhos sempre são diferentes um do outro. É difícil ter trabalhos iguais. Então, eu costumo fazer o seguinte, quando vai uma turma de fora do teatro para se apresentar, sempre vai uma pessoa da nossa área acompanhando o chefe da equipe deles, de maquinária, de luz, de tudo. Então, nós vamos trabalhar para fazer o que ele nos pede. Vamos fazer o que ele pede, acertando e fazendo direitinho.

É dessa forma que nós vamos aprendendo. Nós vamos construindo para ele e vamos aprendendo. Cada trabalho que vem no teatro pede uma coisa, tem uma coisa diferente. Sempre tem uma coisa para aprender. Para mim foi dessa forma que aprendi e já a tanto tempo aprendo assim. Desde quando comecei a trabalhar em obra na construtora, e depois no teatro sempre



comecei aprendendo e depois cada vez mais e mais.

Como é que era esse procedimento de maquinaria no Teatro Amazonas, montava uma equipe para subir no braço esse material? Porque naquele tempo era tudo nas cordas, na malagueta, tudo amarrado e levantado por meio de uma equipe, não era?

O material chegava e ficava em baixo, no palco. Então, o diretor queria, por exemplo, o cenário em uma vara. Eu subia em cima na varanda e arriava a vara, descia, amarrava o cenário e subíamos as cordas e colocávamos na altura que o diretor pedia. Então, assim nós íamos testando e aprendendo. Para a pessoa que está na maquinária, por exemplo, nós nunca fazemos o que nós queremos. Costumamos fazer o que a equipe do artista quer. Trabalhamos ali e executamos o que a equipe do espetáculo quer. E acho que é meio assim também na iluminação. O palco está aqui, vai ser um foco aqui um foco ali, trabalha com uma geral. É todo dia assim, trabalhamos com a equipe do espetáculo e é diferente.

Como o pessoal da área de iluminação aprendia no teatro, eles entravam e iam praticando ou vinha alguém dar curso para eles?

Olha, praticamente quando vinha uma peça de fora, vinha junto um iluminador. Ele sabia o que precisava na função dele. Então como nós fazíamos? Ele pedia um determinado foco aqui ou ali e nós fazíamos, colocávamos o refletor e pedíamos, está bom? Ele dizia sim. Para afinar nós acendíamos o refletor e ajustava e pedíamos está bom assim? Ele respondia há um pouco mais aqui, um pouco mais ali e nós ajustávamos. Assim nós íamos aprendendo e se desenvolvendo com quem vinha. Depois de ter passado tempos assim o rapaz chegava e dizia eu quero um foco aqui, nós marcávamos e já afinávamos. Quando o iluminador voltava já estava pronto. Temos o Vaguinha que é iluminador no teatro, ele aprendeu assim, o Vaguinho é demais.

O senhor tem alguma história de cenário que marcou o senhor nessa atividade da maquinaria no Teatro Amazonas?



De cenário não, mas eu tenho um bocado de história minha que me pegavam de surpresa e jogavam no jornal. Então eu tenho aqui um jornal e vou enviar uma cópia para vocês. Vou mandar uma que inventaram que eu não saía de teatro, dormia no teatro. Fala sério... Olha outra notícia aqui. O teatro é meu lar, o meu lar.

Seu Raimundo, poderias contar para nós por que da história que dormiam no teatro? Eram pelos trabalhos intensos ou das longas horas de espera entre uma tarefa e outra. O senhor pode falar sobre os "viradões", sobre as histórias de montagens nas madrugada?

É o seguinte, tinham vezes que nós dormíamos no teatro porque terminava tarde a montagem. Muito tarde e o transporte de ônibus era difícil, nós não tínhamos o transporte do teatro. Não dava para pegar taxi, naquela hora era caro demais. Então, eu já ficava no teatro para o outro dia. Cansei de fazer isso, porque eu ficava com a preocupação no funcionamento da subestação. Tinha que ligar o ar quente para o ensaio da orquestra bem cedo. Então eu preferia ficar para não chegar atrasado na manhã seguinte. Essa era a minha preocupação sem precisar que chefe mandasse e isso tudo. Saia tarde da noite e se preocupava que no outro dia tinha que estar lá de novo para iniciar os trabalhos.

E hoje a rotina continua, uma montagem acaba de manhã e em seguida tem o ensaio da orquestra? Hoje tem mais pessoas do que na sua época? Eram espetáculos que iriam acontecer no dia seguinte e vocês faziam a montagem, atravessavam a noite montando?

Não, é porque quando terminava a montagem, a orquestra já tinha que ensaiar, e nós ficávamos ali, unidos. Tinha algumas vezes que seis horas da tarde nos ainda estávamos trabalhando. Mas só quando era grande, pois quando era pequeno nos terminávamos rapidamente. Era uma equipe de 12 homens. Era um por todos e todos por um.

Todos tinham a mesma função, todos faziam a mesma coisa ou cada um tinha um setor?



Raimundo Nonato: Um conhecimento técnico construído na prática e no amor ao Teatro Amazonas.

Entrevista com Raimundo Nonato Pereira do Nascimento concedida a Ivo Godois e Tabbatha Melo.

Não, não, todos nós tínhamos funções, a minha era maquinista, outro era iluminador, o outra era sonoplasta. Cada um tinha a sua função, mas na hora “H” era um por todos e todos por um. Então, formou uma família lá dentro.

Figura 4 – Imagem de registro sobre o reconhecimento popular de Raimundo Nonato



Fonte: Imagem do acervo pessoal de Raimundo Nonato

E o senhor lembra como era a equipe técnica e o nome de algumas pessoas que trabalhavam com o senhor lá no Teatro Amazonas?



Olha, hoje essa equipe é maior, mas pode chegar ao ponto que quiser, depende da pessoa gostar do trabalho e gostar dos seus amigos. No nosso tempo sempre que parecia ter discussões, alguém via e já falava, olha vai ter briga... Era nada, eram brincalhas... Então era o seguinte, você era o iluminador, eu chegava lá e perguntava as coisas e você começava a me explicar, em pouco tempo eu já estava ajudando no teu trabalho. O iluminador dizia eu vou precisar sair um pouquinho e nós já ficávamos lá respondendo por tudo dele. Com a equipe de maquinária era a mesma coisa. A equipe toda se uniu de um jeito que teve um tempo dos trabalhos na Urdidura, das talhas do teatro e até lavar o hall de entrada nós fizemos porque queríamos nos ajudar. Então uma equipe depende da união dos colegas. Onde eu trabalho não considero ninguém melhor do que eu e não sou melhor do que os outros. Somos todos iguais como equipe do Teatro Amazonas.

Sobre a equipe técnica daquela época, eram dois Iluminadores, dois operadores de mesa de luz, quatro maquinistas e dois sonoplastas, tinha também um carpinteiro, um bombeiro hidráulico e um eletricista com um auxiliar, era essa a equipe. Mas nós éramos muito unidos, era um por todos e todos por um. Quando era dia de pagamento ou dia de festa estava todo mundo junto. Até o pessoal do escritório iam atrás de nós. Nós formamos um time tão unido que o diretor do teatro também foi trabalhar com a gente. Tudo depende da união dos seus colegas.

Eu iniciei no teatro como pedreiro e depois aprendi a técnica e fiquei por anos tomando conta da subestação de energia. Aí começou a chegar os ti, ti, ti e eu tive que abandonar. Essa era a nossa história. O Auri era o maquinista no teatro e sabe o que estava escrito na carteira como o cargo dele? vigia. O Waguinho era registrado como porteiro e era o iluminador no teatro, so para você ve como eram as coisas, o Waguinho que até hoje trabalha com iluminação, ele ainda está na ativa. Tem o Eliezer que é o mais antigo. Agora o Eliezer é sonoplasta. Ele trabalhava junto com o Ivan de Oliveira, era so eles dois e agora tem seis pessoas na área de som. Tinha também o Caldas, tinha o Pedro Roque, tinha o Geraldo, tinha o Montefuso que partiu agora, há pouco tempo, tinham várias pessoas.

E a nova geração seu Raimundo, o senhor pode falar para nós sobre essas pessoas que aprenderam com o senhor, quem são esses jovens?

Tem uma coisa também, eles não chegaram a aprender comigo. Eles têm a internet. Eles "interneteiam" e estão aprendendo e desenvolvendo trabalhos agora. O maquinista, o



iluminador e outros. Nós temos aqui a Tabbatha que aprendeu tudo no Teatro Amazonas também. Temos outros meninos que já sabem direito. Eles não aprenderam só comigo. Nós somos muito unidos e não damos dor de cabeça para ninguém. Hoje qualquer um pode ser maquinista. Aprendeu a trabalhar na varanda, já pode iniciar como maquinista, porque o maquinista precisa mesmo é saber amarrar, pregar, ter responsabilidade no que faz. Tem muitas peças de espetáculos que vem de fora se apresentar e nós aprendemos bastante com eles. Porque tem cenários enormes e com grandes dificuldades para montar. Nesta área de trabalho todo dia é diferente, então tudo se aprende com eles.

De fora o senhor quer dizer, de outros estados ou de outros países?

São de outros países, de outros estados também. De onde vem nós sempre estamos aprendemos um pouco mais.

Seu Nonato, o senhor poderiam falar um pouco sobre a troca experiências com grupos Internacionais ou daqui do Brasil. O senhor e o Apolo trabalhavam muito juntos, eram grandes parceiros, o próprio seu caldas e outros. Então, tem algo que marcou muito essa relação de vocês juntos?

Olha, a nossa diferença era o seguinte, nossa equipe foi formada por pessoas muito unidas, e vindas de jeitos diferente. Eu era pedreiro, o Auri era vigia, o Altir era porteiro, o Caldinho foi vigia, porteiro e foi tudo também. Então, essa equipe era diferente porque foram aprendendo no trabalho. Para mim, são os maiores profissionais que tivemos no Teatro Amazonas. Aqueles que aprendem trabalhando.

Vamos pegar um exemplo pelo nosso secretário de cultura do Amazonas Marcos Apolo Muniz. É o meu orgulho pois quando eu o conheci, ele fazia palhaçadas no palco do Teatro Amazonas. Do palco do teatro ele passou a trabalhar no controle da corrente no estacionamento, na frente do teatro. Vinha um carro ele tinha que arriar a corrente, saia um carro ele precisava fazer tudo isso de novo. Depois ele veio trabalhar na limpeza do teatro, em seguida ele passou para o setor técnico, do setor técnico ele passou para o escritório. E depois foi nosso gerente no



Teatro. Ele passou por todas essas funções. Não é para ter orgulho de ver a pessoa subir de posições sempre trabalhando? Pela persistência, pela bravura de aprender trabalhando. Isso é lindo, é lindo, mas é duro para aprender as coisas.

Eu tenho muitas coisas que eu o ajudei pois eu era o mais antigo. Quando eles me pediam alguma informação da área e eu sabia, então ajudava. Assim como eu ensinava, os outros que sabiam também ensinavam. Era um por todos e todos por um. A única coisa que acontecia grande para nós, era uma coisa que nós não sabíamos, mas tinha aquela curiosidade toda, era os festivais de óperas, os primeiros festivais. E quem montava e desmontava tudo éramos nós. Para os outros espetáculos era o seguinte, você tinha uma peça e iria se apresentar no teatro, nós íamos trabalhar para você. O nosso trabalho era aquilo, a pessoa dizia eu quero assim e nós fazíamos, ele dizia de outro jeito e nós fazíamos. Não tinha como dizer não, era assim mesmo. No nosso tempo tudo era assim.

Como foram os festivais de ópera no Teatro Amazonas, um espaço de trocas de conhecimentos para todos que ali trabalhavam, uma escola na prática, pois além dos espetáculos do Amazonas vinham também de outros estados e os estrangeiros, como foi para o senhor seu Raimundo esse período?

Olha, uma vez eu fiquei feliz. O chefe de uma companhia estrangeira, que veio para apresentar uma opera, elogiando a equipe do teatro. Eu me senti muito bem, porque ele disse que no teatro ele viu a equipe sempre ajudando um ao outro. Ele disse que tinha chegado em certos lugares, certos teatros onde o maquinista so fazia aquilo, o iluminador so fazia a função dele, e nós no Teatro Amazonas fazíamos tudo. É por isso que nos festivais de óperas só tem equipe nossa no trabalho. Só tem profissionais bons, que aprenderam trabalhando na hora da montagem prática.

Eu tive o prazer de estar no palco do teatro Amazonas e a Secretária de Cultura ligar para eu atender um grupo de Japoneses. Esses Japoneses fizeram uma entrevista comigo, de quase duas horas também. Outra hora veio da Alemanha. Também foi um pedido da secretaria do teatro para eu estar as 09h da manhã para atender eles e dar uma entrevista. Essa entrevista começou as 09h da manhã e so terminou as sete horas (19h) da noite. Também so faltavam me



carregar no colo, muito bom, foi muito bom mesmo. Tem outra para a França que também eu fiz. No ano internacional do Brasil na França, eu fiz uma entrevista para pessoas da França.

Eu estou vivendo assim porque as pessoas de vez em quando elas vão no teatro Amazonas e me procuram. O pessoal do teatro fala que podem indicar um guia e as pessoas dizem que querem o seu Nonato. Tenho uma fama, mas essa fama são vocês que me dão.

Essa fama vem do seu coração, da dedicação e carinho que o senhor tem por essa área e pelo trabalho no teatro Amazonas seu Nonato. Ninguém lhe daria essa fama se não fosse o amor e carinho que tem pelo que faz e nos cativa transmitindo seu conhecimento para nós.

No Teatro Amazonas só não aprende quem não quer. Eu tive um problema de coluna. Não no teatro, foi fora do teatro. Então eu tinha aquele receio de ir ao setor que atende o turismo, com medo de passar decepção. Quando eu fui ver realmente, a história da minha coluna era outra. Isso vinha de outra história. Um turista me chamou uma vez e queria ter uma conversa comigo. Ele me perguntou, quantos filhos eu tinha. Eu respondi que já tinha perdido a conta. Sabe por que? Porque todo mundo lá do teatro me chama de pai. Era branco, era preto, pai para cá, para lá. E tem esse jeito que nós aprendemos no teatro. Aprendemos no Teatro Amazonas pelo carinho que temos um pelo outro lá.

O que mais pode nos contar sobre suas experiências vividas no Teatro Amazonas seu Nonato?

Olha, teve também uma outra com João Batista Figueiredo, presidente da República que veio a Manaus. Lá no teatro pegaram e me deram um terno para trabalhar como indicador. Eu não tinha terno. Nós éramos 12 rapazes, me deram um terno para trabalhar e receber o presidente. Então, nós estávamos na fila, eu no meio deles. Eu era o único preto que tinha ali, era a sombra dos onze. O chefe de segurança do presidente Figueiredo chegou, olhou, olhou assim para nós e disse: O moreno, você que vai ficar na porta para receber o presidente. Eu era o único preto e o escolhido fui eu. Quando o presidente chegou, ele me abraçou. Ele conversou umas coisas comigo que ele se lembrou.



Eu acabei conhecendo tudo no Teatro Amazonas. Eu também levava turistas para conhecer o teatro. Até de guia eu já trabalhei, contando as histórias do teatro. Aprendi muitas coisas bonitas no Teatro Amazonas. Tenho quarenta e oito anos trabalhando ali, dois anos na firma de obras e quarenta e seis como funcionário do estado, trabalhando dentro do teatro. Tenho tantas conversas e histórias. Às vezes eu caminhando na rua, encontro as pessoas e sabe como eles me chamam? Hei Teatro Amazonas? Falam assim como se fosse esse o meu nome. Eu já fui homenageado dez vezes no teatro.

Então conta para nós como foram essas homenagens seu Nonato?

Uma das homenagens foi dos Artistas do Amazonas. O Renato Tavares, ele que me levou no teatro, ele me convidou, me telefonou e disse, seu Nonato eu gostaria que o senhor viesse aqui no teatro, nós estamos fazendo algo e gostaríamos de uma sugestão sua. Quando eu cheguei tinha tanta gente. Eu olhei no palco e tinha uma mesa com doze colegas, achei estranho e fiquei um pouco invocado. Desci e me sentei na plateia. Eles falavam e discutiram coisas, aí depois falaram que aquilo era uma homenagem. Disseram que era pelo empenho que eu dedicava com eles, a atenção que eu dava para eles e para todo mundo. Assim que eu sempre fui me desenvolvendo e aprendendo.

Seu Nonato, o senhor poderia falar para nós sobre espetáculos que lhe marcaram, que tinha efeitos marcantes e que o senhor consegue relatar alguma coisa?

Eu tive muito trabalhos que vi e eram bons, mas o primeiro espetáculo que marcou foi Santo inquerito, com Regina Duarte. O primeiro é Santo inquerito com Regina Duarte e foi o primeiro que vi na minha vida.

Quando foi isso seu Nonato?

Foi em 1976.



E como é que era? O que o senhor lembra do espetáculo?

Eu quero me lembrar, mas não consigo me lembrar. Era uma peça, uma comédia, só que era muito boa.

Seu Nonato, o senhor poderia falar sobre dificuldades que enfrentou nesses anos em que trabalhou no Teatro Amazonas?

As dificuldade que passei no teatro foi na época em que fui porteiro. Quando fui porteiro o Chico Anyasio foi se apresentar no teatro e então lotou a casa. Quando lotou o produtor e o empresário chegaram para mim e disseram para fechar a porta, disseram feche a porta. Então eu fechei a porta. Estava rolando o espetáculo e escutei aquelas batidas forte na porta. Abri um pouco para ver o que era e um senhor falou, eu quero entrar e você fechou a porta, porque? Fui explicar para ele que estava lotado e não tinha mais lugares. Sabe o que esse senhor falou para mim? O Nonato, acho bom você me respeitar. Eu respondi que não estava faltando com o respeito com ninguém, estou conversando com o senhor normal aqui e explicando. Mas porque o senhor acha que eu deveria lhe respeitar? Ele respondeu assim para mim. Porque eu sou faixa preta. Eu respondi de imediato para ele, olha então eu sou mais do que você. E ele perguntou prontamente, como assim, porque você é mais do que eu? E eu respondi, porque eu sou todo preto. Quando eu respondi que era todo preto o pessoal que estava ali na porta esperando também caiu de vaio em cima dele. Sempre tinha umas coisas assim que acontecia.

O que o senhor poderia falar sobre esses acontecimentos em que precisamos levar na educação, no humor, entender que as pessoas vêm e vão, e nós ficamos ali na função todo dia não é seu Nonato?

Se formos na onda deles nós vamos ser mandados para a rua e até por justa causa.

Nós gostaríamos de ouvir outros relatos seus sobre fatos inusitados, porque acreditamos que a cortina da boca de cena que arrastava com o vento não era o único fato estranhos que aconteciam no local, com certeza o senhor deve saber de outros fatos curiosidades que



aconteciam lá no Teatro Amazonas. Tem outros seu Nonato?

Então vamos lembrar umas coisas. Um certa vez eu estava chegando no palco, as seis horas da tarde. Eu vi aquela menina toda de branco, correndo e com os braços em cima da cabeça. Eu olhei e ela não passou pela porta. Em seguida ela voltou e corri atrás para ver quem era. Do palco para lá não vi mais a menina. Procuramos ela porque já estava para iniciar o espetáculo, procuramos por tudo e não encontramos ela. Eu não sei se vai me acreditar, mas uma vez fui operado da hérnia e na operação sonhei com a menina rindo, passando a mão na minha cabeça. Parece brincadeira, mas tudo tem essas coisa que aparece. Agora, no teatro tem um fato, as pessoas se assustam com os seus rastos. O assoalho trabalha e se for andando, você jura que vem alguém atrás de você.

A imaginação. É a imaginação que assusta o pessoal. Quando me lembro que fiquei sozinho, eu e Deus e rodava o teatro todo. Agora não. Já tem vigias, tem segurança, hoje tem tudo lá. É um por todos e todos por um. Olha, vou te dizer uma coisa. Se não fosse a imprensa do jeito que é, nossos artistas e os artistas que vem de fora se apresentar. Eles nos tratam tão bem que não tem como odiar. Quanto mais tratam bem, mas a equipe passa a gostar. Um dia que nós estivéssemos trabalhando eu gostaria que você mesmo visse as pessoas cumprimentando. É sempre assim. E isso é muito bom. Porque pancada doi, e quem não gosta de carinho?

O senhor merece todo esse carinho e agradecimentos seu Nonato.

Ainda mais nessa conversa divertida aqui, conversando com meus amigos, isso alegra o coração, fica transbordando de alegria.

O que o senhor pode dizer do seu começou para hoje? Quais foram as grandes mudanças que aconteceram de fato e que lhe afetaram, sobre as mudanças de governos, sobre as várias diretorias que o senhor vivenciou no Teatro Amazonas? O fato de hoje artistas se apresentarem diariamente no teatro é uma questão de gestão. Isso também fez com que as equipes aumentassem, para fazer parte de toda a demanda. O própria CTP (Centro Técnico de Produção) surge com esse objetivo, o que o senhor pode falar sobre esses fatos?



Graças a Deus, digo graças a Deus para mim, os governos até agora não prejudicaram e não mexeram muito no Teatro Amazonas. Sobre as direções, tive até agora uns quinze diretores. Cada um tem uma administração diferente. Mas não posso falar de nenhum deles, porque nenhum me foi prejudicial. Então, é por isso que me cativam. Gosto muito do teatro por esses motivos.

Olha, naquele tempo nós tínhamos um menino que era superintendente do Teatro Amazonas. Um dia chegou para mim e disse, vou te dar oito dias de folga. Eu perguntei por que? Ele disse que eu não saí do teatro. Eu ficava dia e noite lá. Quando eu voltei dessa folga, deu dez horas da manhã ele me chamou no escritório. Cheguei lá para falar com ela, me pediu para sentar-se no sofa, telefonou para copa e pediu dois cafés, um para mim e ou para ele. Tomamos o café juntos e ele disse, seu Nonato leia este Diário Oficial aqui. Li o Diário Oficial, tinha um capítulo nele que me nomeava para ser responsável pelos serviços gerais, transporte e segurança. Os três setores. Eu disse, mas não acredito? Ele respondeu, é você mesmo. Para mim foi uma demonstração de amor, amor por meu trabalho. Eles não me mandavam fazer nada porque sempre o que era preciso fazer eu estava sempre fazendo.

Como é que foi com as mudanças de governos, houve melhoria, eles favoreceram na quantidade de profissionais sempre trabalhando?

Nas mudanças de governo não mudava nada na equipe. O que acontecia é que o novo diretor chegava e mandava chamar, reunir a equipe na sala reuniões e acabou, nós estávamos nos tratando como uma família. Porque ele já vem com aquela confiança, com informação de como está. E graças a Deus eram informações boas.

Seu Nonato, poderia falar um pouco mais sobre as óperas, elas são um marco na região do Amazonas, elas influenciaram ou não para se ter mais profissionais da área técnica trabalhando? Sobre os técnicos do Teatro Amazonas aprenderem e terem conhecimento no contato com técnicos de outros estados ou de outros países?

Eles sempre têm um chefe, responsáveis por cada setor. Estes vão passando para a nossa equipe e nós vamos trabalhando. Tem também, quando é de outros países, vem alguém da equipe deles para trabalhar junto na técnica. Nós nunca trabalhávamos sozinhos.



Como que se dava a troca de conhecimentos quando não se entendia a língua de domínio deles, dava para trocar conhecimentos com eles, mesmo com a dificuldade de comunicação?

Tinha o intérprete, ele ficava todo o tempo do lado de nós. Qualquer coisa nós o chamávamos, qualquer coisa era para ele que perguntávamos. Agora sabe de uma coisa? Quando você trabalha em uma empresa de teatro, você tem que gostar. Quando eu vejo o palco do Teatro Amazonas, tem as colunas em baixo, tudo é de ferro. Aquelas base embaixo da coluna fui eu que fiz. Me chamaram para marcar, esquadrear e fazer bem firme. Eu fiz isso tudinho. Quando chegaram para colocar as colunas do palco, era um Alemão, e ele falava de uma forma que eu não entendia nada. Quando foi na hora em que colocaram a primeira coluna, colocar a segunda coluna, a terceira e quando fizeram o quadrado, o alemão começou a falar umas palavras na língua dele e já pensei comigo, deve ter alguma coisa errada aí que eu fiz. O rapaz que estava traduzindo veio, me abraçou e disse, seu Nonato ele está lhe elogiando, o trabalho deu tudo certinho. Aí eu fiquei alegre, era só alegria. Porque eu não entendia o que ele falava.

Agora eu vou dizer uma coisa. La da secretaria do teatro me avisaram uma vez assim. O Nonato você está convocado para ser entrevistado por uma japonesa e vai ser no palco do teatro hoje à tarde, ela vai fazer uma entrevista com você. Já pensou uma japonesa para fazer uma entrevista comigo? Rapaz quando ela chegou, ela falava e eu não entendia nada. Ela foi falando, falando e o intérprete me dizendo, depois ela pediu para eu subir no palco do teatro. Quando chegou lá a Japonesa estava comigo e chorando. Eu fiquei tranquilo e a Japonesa chorando, chorando. O Rapaz da filmadora continuou gravando tudo. Eu me lembrei de uma coisa na minha cabeça para dizer para ela, eu me lembro como fosse ainda hoje. Falei assim: Minha filha, todo mundo, de vez em quando chora. Por que eu não posso chorar? Eu sou humano, também tenho um coração. Mas quem chora sempre tem suas razões. Todo mundo perdeu um amor chorando, e o pranto livra no final. E em muitas vezes o coração da gente é o inimigo imortal. Ela veio e me abraçou chorando mesmo. Rapaz no final eu ganhei camiseta, ganhei tanta coisa, ganhei tudo dela. Mas nós vamos levando a vida.

Que lindo seu Raimundo. Um verdadeiro poeta. Não sei se o senhor tem mais alguma informação para acrescentar a nossa entrevista?



Raimundo Nonato: Um conhecimento técnico construído na prática e no amor ao Teatro Amazonas.

Entrevista com Raimundo Nonato Pereira do Nascimento concedida a Ivo Godois e Tabbatha Melo.

Eu peço a Adeus que de mais saúde para vocês, sucesso e paz. Para todos, todos vocês. Qualquer coisa me procure, pois, seu amigo está aqui. É um preto do coração parda.

Seu Nonato, fica nosso convite para o senhor vir a Santa Catarina no evento A Luz em Cena contar um pouco mais sobre essa sua experiência de vida no Teatro Amazonas. Depois da conversa que tivemos em 2014, fico aqui planejando a melhor forma de acordo com sua disponibilidade para participar de forma presencial, pode ser?

Tinham me falado, eu descobri que tem uma pessoa que falou isso. tenho que ir lá uma hora dessa. Está um pouco difícil, mas vamos ver essa possibilidade.

Muito obrigado seu Raimundo, eu aqui de Florianópolis e Tabbata aí em Manaus ficamos imensamente agradecidos por sua participação de forma virtual desde a sua residência para contar sua história para nossa verista. Fico esperando o dia para podermos conversar presencialmente aqui em Florianópolis no evento A Luz em Cena.

Eu, um dia vou chegar lá. E se vierem aqui para o Teatro Amazonas eu vou esperar de braços abertos. Um grande abraço.



Raimundo Nonato: Um conhecimento técnico construído na prática e no amor ao Teatro Amazonas.
Entrevista com Raimundo Nonato Pereira do Nascimento concedida a Ivo Godois e Tabbatha Melo.

Figura 5 – Homenagem da Secretaria Estadual de Cultura a Raimundo Nonato. Na foto, além dele, vemos o iluminador, ex-gerente da área técnica no Teatro Amazonas e atual (2021) secretário Estadual de Cultura do Amazonas Marcos Apolo Muniz



Fonte: Fotos de Larissa Castanhedo



Raimundo Nonato: Um conhecimento técnico construído na prática e no amor ao Teatro Amazonas.

Entrevista com Raimundo Nonato Pereira do Nascimento concedida a Ivo Godois e Tabbatha Melo.

Recebido em 23/11/2021
Aprovado em: 23/12/ 2021

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Teatro – PPGT
Centro de Artes – CEART
A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas
aluzemcena.ceart@udesc.br